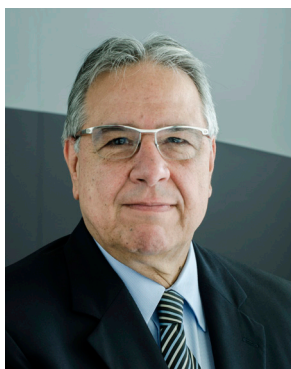


Este boletim é uma publicação da Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização – CNseg.

EDITORIAL

Em agosto alguns ramos de seguros melhoram, embora a taxa da arrecadação total anualizada siga com leve desaceleração



Marcio Serôa de Araujo Coriolano
Presidente da CNseg

Divulgados pela Susep os dados de agosto de 2017, verifica-se alguma melhora em determinados ramos mais sensíveis ao ciclo de estabilização da economia brasileira. É o caso do segmento de Automóveis, que no acumulado do ano já mostra aumento de 6,5% relativamente a idêntico período de 2016. Também são os exemplos de Crédito e Garantias (39%), Garantia Estendida (3,4%) e Rural (14,6%). No segmento de Cobertura de Pessoas, os Planos de Acumulação VGBL tiveram recuperação, tendo a taxa de crescimento passado de 4% para 5,3%.

Já olhando a série de janelas de 12 meses, essa recuperação precisa ser examinada com cautela, porque, conforme o gráfico apresentado na próxima página, o mercado de seguros, previdência e capitalização revela ainda desaceleração, considerando a sua maior resiliência em 2016.

O professor Lauro Faria segue com sua Análise Conjuntural.

Boa leitura!

ENTREVISTA

Consumo das famílias é o ponto principal da retomada do crescimento da indústria

Robson Braga de Andrade

Presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

1. A produção industrial vem apresentando este ano uma melhora paulatina em relação a 2016, mas o acumulado dos últimos 12 meses até agosto ainda foi negativo (-0,1%). É possível esperar um resultado positivo ao final de 2017? Qual?

A expectativa é que a produção industrial cresça entre 1% e 1,5% em 2017. Após três anos de queda, o setor começa a reagir frente às mudanças na economia que ocorrem desde meados de 2016. A reação do consumo das famílias é o ponto mais significativo para a retomada do crescimento da produção. Essa gradual recuperação do consumo é consequência da expressiva queda da inflação, o que aumenta o rendimento real. Além disso, a queda no custo da cesta básica libera recursos para o atendimento de outras demandas, sobretudo nas classes de renda mais baixa. A melhora também decorre do aumento das condições financeiras das famílias, que permite o retorno a compras de bens financiados. Destaque-se, ainda, que a liberação de recursos das contas inativas do FGTS teve um efeito direto, pois parte dos recursos foi direcionada ao consumo, e indireto, ao permitir a melhora das condições financeiras no grupo mais endividado. Por fim, a melhora no cenário econômico vem alavancada nos segmentos em que as exportações são mais significativas.

2. Que segmentos da indústria têm apresentado maior recuperação? E quais ainda não decolaram? Por quê?

Os segmentos com melhor desempenho, e que vêm crescendo, são em geral os de bens de consumo durável, mais dependentes de financiamento e cujo mercado se retraiu fortemente na crise. Entre eles, estão produtos de informática e eletrônicos, veículos de passeio e mesmo bens de consumo leve, como têxteis e vestuário. Já produtos ligados ao investimento vêm tendo desempenho negativo. A cadeia da indústria da construção e os setores de máquinas e produtos da metalurgia não mostram crescimento.

3. O desfecho da crise política é condição necessária para uma recuperação mais consistente da indústria?

No momento atual, há um certo descolamento da atividade produtiva da crise política. As condições de ajuste financeiro das famílias viabilizam o retorno gradual do consumo. As empresas também realizaram ajustes de custo, ao longo do penoso processo recessivo, que as tornaram mais eficientes. Temos, assim, algum espaço para crescer, mesmo com as dificuldades políticas. No entanto, é indispensável um ambiente de previsibilidade e segurança quanto a avanços no ajuste fiscal e a reformas necessárias para melhorar o ambiente de negócios e estimular investimentos. Nesse sentido, a superação da atual crise política e as perspectivas de um novo governo comprometido com essa agenda, a partir das eleições de 2018, são fundamentais.

por Lauro Faria

Economista da Escola Nacional de Seguros

Os dados divulgados pela Susep e referentes ao desempenho do mercado de seguros em agosto ratificam a recuperação da atividade em 2017. Os prêmios de seguros e aportes a planos de previdência e títulos de capitalização totalizaram R\$ 22,3 bilhões nesse mês, com crescimento de 10,2% ante o mesmo mês de 2016 e 4,8% no acumulado do ano frente ao mesmo período do ano anterior. Extraindo-se o DPVAT, cujo prêmio unitário foi significativamente reduzido pelo CNSP no fim do ano passado, as variações são maiores: 11,6% em agosto de 2017 ante o mesmo mês de 2016 e 6,5% no acumulado do ano frente ao mesmo período do ano anterior.

Note-se que a inflação em 12 meses pelo IPCA caiu fortemente de cerca de 5% no início do ano para apenas 2,5% entre agosto de 2017 e agosto de 2016, de modo que as taxas referidas acima mostram inequívoco crescimento real, isto é, acima da inflação. Desagregando-se o dado total por grandes grupos, é de se notar a aceleração dos aportes aos Planos de Acumulação (VGBL e PGBL, principalmente), que vinham se ressentindo das realocações de carteiras em função da baixa das taxas de juros. Assim, tais aportes cresceram 13,4% em agosto de 2017 ante o mesmo mês de 2016 e 5,8% no acumulado do ano frente ao mesmo período do ano anterior. No que concerne às coberturas de risco dos Seguros de Pessoas, a recuperação da receita de prêmios começou no segundo semestre de 2016 e prossegue até o momento, de modo que as taxas positivas são mais consistentes no tempo: 13,4% de expansão em agosto de 2017 ante o mesmo mês de 2016 e 11,9% no acumulado do ano frente ao mesmo período do ano anterior. Nessa base de comparação, foram notáveis as taxas de crescimento dos prêmios de seguros Prestamista (+24,6%), ligado à concessão de crédito, e Viagens (+45,5%).

No que se refere aos prêmios de Ramos Elementares, o crescimento foi menor, mas, como dito acima, fortemente influenciado pela queda de receita do DPVAT. Fazendo-se o cálculo sem esse produto, a arrecadação de Ramos Elementares teve acréscimo de 9,5% em agosto de 2017 ante o mesmo mês de 2016 e de 7,2% no acumulado do ano frente ao mesmo período do ano anterior. Um resultado excelente. No acumulado do ano, chamam atenção as expansões de 11,0% dos prêmios de Seguros Habitacionais, de 14,6% do Seguro Rural e de 39,2% de Seguros de Crédito e Garantia. O principal produto do grupo – Seguros de Automóveis – manteve trajetória de recuperação, com a receita crescendo 7,3% em agosto de 2017 frente a agosto de 2016 e 6,5% no acumulado do ano frente ao acumulado de 2016. Os prêmios de Seguros de Transporte e Seguros Patrimoniais têm tido, entretanto, baixo crescimento, o que mostra ser a recuperação econômica ainda não generalizada.

Sobre a economia em geral, cuja evolução afeta todos os seguros, os últimos dados ratificam o cenário de retomada do crescimento do produto com queda da inflação e, como consequência, da taxa básica de juros comandada pelo Banco Central. O IBC-BR, que é uma estimativa do PIB calculada pelo BC, teve expansão de 0,4% em julho passado sobre o mês anterior na série com ajuste sazonal e de 1,2% no acumulado do ano até julho contra os sete meses anteriores. A taxa de desocupação recuou para 12,6% no trimestre junho-agosto de 2017, menos 0,7 ponto percentual em relação ao trimestre março-maio anterior. Assim, a expectativa de crescimento do PIB para o ano de 2017, constante do Boletim Focus de 29/09/2017, avançou para 0,7%, a da inflação caiu para 2,95% (dez.2017 / dez.2016), e a da taxa Selic, para 7% ao final de 2017. Porém, mostrando que a economia ainda não se recuperou de todo, o dado de agosto da produção industrial revelou queda de 0,8% em comparação com o mês imediatamente anterior na série com ajuste sazonal, resultado que interrompeu quatro meses seguidos de expansão.

A forte redução das taxas de juros teve efeitos diretos e indiretos sobre as seguradoras. Na área da Susep, no agregado, o resultado financeiro caiu 13,9%, e o resultado patrimonial, 16,7% no acumulado do ano em comparação com o mesmo período de 2016. Em compensação, melhorou a eficiência técnica das seguradoras: a chamada "margem bruta" (sinistralidade + índice de despesas de comercialização) para o total do mercado caiu no mesmo período de 71,2% para 70,4% (em Ramos Elementares, de 77,5% para 77,1% e em coberturas de riscos de Seguros de Pessoas, de 57,6% para 56,7%). No entanto, tal melhora não foi suficiente para manter a taxa de rentabilidade do patrimônio líquido do conjunto das seguradoras, que, em termos anualizados, caiu de 23,4% no acumulado de 2016 até agosto para 20,2% no mesmo período de 2017. Note-se que ainda assim trata-se de taxa de retorno elevada, mormente se comparada à de outros setores da economia brasileira.

O ano de 2017 vai chegando ao fim exibindo uma relativa bonança para a economia, haja vista a estabilidade da taxa de câmbio, a alta de mais de 20% do índice Bovespa desde meados do ano e expectativas que vão se tonando positivas em vários setores. Salta aos olhos, entretanto, que faltam as bases reais que dariam sustentação a tal retomada em médio e longo prazo, a saber, as reformas fiscais e previdenciárias essenciais para estabilizar a razão dívida pública / PIB e um quadro de estabilidade política que permita continuidade de ações de desenvolvimento em vários governos. Sem tais bases, o cenário otimista existente hoje nos mercados financeiros e de capitais do Brasil pode ser altamente volátil.

TAXAS DE CRESCIMENTO ANUALIZADAS (12 meses contra 12 meses)



DESEMPENHO DO MERCADO

ARRECAÇÃO (em R\$ milhões)

Apenas supervisionadas SUSEP		Até agosto		Variação nominal %
		2016	2017	
1	Ramos Elementares	46.843,6	47.536,7	1,5%
1.1	Automóvel	20.939,0	22.308,0	6,5%
1.1.1	Acidentes Pessoais de Passageiros	350,9	397,7	13,3%
1.1.2	Casco	14.601,4	15.667,6	7,3%
1.1.3	Responsabilidade Civil Facultativa	4.560,9	4.731,8	3,7%
1.1.4	Outros	1.425,9	1.510,9	6,0%
1.2	DPVAT	6.944,9	4.746,4	-31,7%
1.3	Patrimonial	6.936,3	7.276,8	4,9%
1.3.1	Massificados	4.821,4	5.141,2	6,6%
1.3.1.1	Compreensivo Residencial	1.643,3	1.710,6	4,1%
1.3.1.2	Compreensivo Condominial	238,7	263,2	10,2%
1.3.1.3	Compreensivo Empresarial	1.388,0	1.364,6	-1,7%
1.3.1.4	Outros	1.551,3	1.802,8	16,2%
1.3.2	Grandes Riscos	1.835,2	1.941,6	5,8%
1.3.3	Risco de Engenharia	279,8	194,1	-30,6%
1.4	Habitacional	2.246,0	2.492,0	11,0%
1.5	Transportes	1.661,0	1.697,3	2,2%
1.5.1	Embarcador Nacional	507,1	538,1	6,1%
1.5.2	Embarcador Internacional	299,2	267,6	-10,6%
1.5.3	Transportador	854,7	891,6	4,3%
1.6	Crédito e Garantia	1.858,7	2.586,6	39,2%
1.7	Garantia Estendida	1.719,8	1.787,6	3,9%
1.8	Responsabilidade Civil	1.035,6	1.043,9	0,8%
1.8.1	Responsabilidade Civil D&O	223,7	226,9	1,4%
1.8.2	Outros	811,9	817,0	0,6%
1.9	Rural	2.318,0	2.656,5	14,6%
1.10	Marítimos e Aeronáuticos	582,2	492,5	-15,4%
1.10.1	Marítimos	318,8	276,1	-13,4%
1.10.2	Aeronáuticos	263,3	216,4	-17,8%
1.11	Outros	602,0	449,0	-25,4%
2	Coberturas de Pessoas	92.739,8	99.623,8	7,4%
2.1	Planos de Risco	20.221,0	22.629,0	11,9%
2.1.1	Vida	8.494,6	8.973,9	5,6%
2.1.2	Prestamista	4.881,6	6.084,2	24,6%
2.1.3	Viagem	245,7	357,4	45,5%
2.1.4	Outros	6.599,0	7.213,5	9,3%
2.2	Planos de Acumulação	70.061,6	74.129,0	5,8%
2.2.1	Família VGBL	64.999,2	68.444,6	5,3%
2.2.2	Família PGBL	5.062,5	5.684,4	12,3%
2.3	Planos Tradicionais	2.457,2	2.865,8	16,6%
3	Capitalização	13.648,9	13.389,3	-1,9%
=1+2+3	Total	153.232,3	160.549,9	4,8%

Fonte: SES (SUSEP) - Extraído em 02/10/2017

Nota: Valores referentes ao ramo total misto foram incluídos na parte de planos de risco, embora apresente características mistas de risco e acumulação.

Fonte: Superintendência de Estudos e Projetos (SUESP) da CNseg

**Acesse. Ouça. Compartilhe. Curta.
Conecte-se com a CNseg!**

RádioCNseg
radio.cnseg.org.br

